**Resumo: Ingold, T. (2000). Evolving skills. Alas, poor Darwin: Arguments against evolutionary psychology, 273-297.**

**Aluna: Valeria Moro**

O autor defende a ideia de que a natureza das diferenças das habilidades entre os seres humanos ocorre independentemente da cultura, questionando a dicotomia entre o inato e o adquirido. Cita o caminhar como uma habilidade adquirida, mas também uma capacidade inata, pois já nascem dotados anatomicamente desta capacidade, embora existam várias formas de andar. Acredita que a natureza e a cultura só podem existir mediada por um terceiro fator: a mente e desta forma se refere ao ser humano pela tese de complementaridade que é composto por corpo, mente e cultura. Faz críticas sobre a biologia evolutiva, sobre a ciência cognitiva e sobre a teoria da cultura. Refere que os paradigmas dominantes na biologia, psicologia e cultura tem sido atacados e critica as divisões convencionais entre corpo, mente e cultura, ao contrário, defende a síntese que seria um enfoque unitário onde o organismo passa por um processo de desenvolvimento em um ambiente e contribui, através da sua presença e atividade, para o desenvolvimento próprio e dos outros. O ser humano é capaz de fazer tudo o que está programado ou já o fez no passado, pois é geneticamente dotado mas em todos os casos o processo de aprendizagem depende da interação com outros. Defende que os humanos criam, através das suas próprias ações, as condições ambientais para o seu desenvolvimento futuro e de seus pares. O desenvolvimento humano não consegue ser explicado pela biologia evolutiva ortodoxa e pela cultura e defende que na verdade nada é transmitido ao contrário ocorre por redescoberta guiada. Cada geração contribui para a próxima através de circunstâncias específicas para que os sucessores possam desenvolver as suas próprias capacidades: “educação de atenção”. O conhecimento está na vida e no conhecedor enquanto percebe a sua existência no mundo, as habilidades são adquiridas através da prática e da execução repetida. O corpo e a mente não são coisas separadas mas duas maneiras de descrever a mesma coisa ou o mesmo processo e a aprendizagem das habilidades envolve tanto a imitação quanto a observação, envolvimento ativo e perceptivo com o ambiente.

**Questões: Barret, L. (2011). Babies and bodies. Chapter 10.**

**Beyond the brain: How body and environment shape animal and human minds. Princeton University Press. pag 175-192.**

**Aluna: Valeria Moro**

1. O autor, ao dizer que subestimamos os bebês como se não tivessem as capacidades sensoriais e motoras desenvolvidas, nos fala que as atitudes muitas vezes subestimadas são necessárias para as habilidades para realização de um grande número de comportamentos. Como se já nascessem “prontos”, mas cada um a seu modo, a seu tempo e dependendo das interações e percepções junto ao ambiente para o alcance desses comportamentos, correto?
2. O “esquema do corpo” seria a representação do corpo, mas que se difere da nossa imagem corporal que é composta pelas nossas percepções, atitudes e crenças e a nossa consciência corporal. Seria o ponto de referência para que cada um seja único em sua forma, correto? Cada um tem uma percepção do seu corpo.
3. A abordagem dinâmica do desenvolvimento se refere a grande variabilidade observada entre os bebês na forma de andar, por exemplo. Caso fosse apenas amadurecimento cerebral haveria maior uniformidade. Portanto, é único, dinâmico e diferente pra cada um.
4. Interessante o paradoxo da aprendizagem: como alguém que não sabe pode aprender algo e ignorar outro a fim de que consiga aprender algo útil?
5. Como seres multimodais aprendemos sobre o mundo usando todos os sentidos de uma vez. E o desenvolvimento não é uma marcha em direção ao amadurecimento, mas um processo ao longo do tempo, como resultado da interação entre variáveis internas e externas. Muito interessante também esse ponto.